



XII Fórum Mineiro de Psicanálise

Corpos, línguas e outras escritas

25 a 27 de Julho de 2024

Muriae - MG

Retorno à modalidade presencial

Uma breve análise acerca da suplência perversa nas psicoses

Douglas Nunes Abreu¹, Raphaella Cristina Tolentino do Carmo Bampirra²

¹ Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, Minas Gerais,
dnabreu@ufsj.edu.br, 0000-0002-8548-7158

² Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, Minas Gerais, E-mail:
raphaellatdc@ufsj.edu.br, 0009-0006-2307-8849

Resumo

As reconfigurações contemporâneas das apresentações sintomáticas, em tempos de desvanecimento do Outro, implicam em uma clínica para além da estrutura ou da tipologia. A problemática, pois, tem sido reorientar a clínica psicanalítica a fim de que a escuta seja capaz de se haver com os casos de difícil construção diagnóstica e que, particularmente, apresentam-se na fronteira entre uma estrutura e outra, em suas formas típicas. Jacques Lacan, ao realizar o percurso que opera uma passagem do *Nome-do-Pai* aos *Nomes-do-Pai*, revigora o fazer do analista diante das novas exigências que emergem da clínica – à medida que se observa outras reconfigurações do desejo e do gozo. A investigação acerca do uso da fantasia perversa como suplência de uma estrutura psicótica convida – orientada pelo conceito de psicose ordinária e pela clínica das suplências presentes no Real – ao importante debate da problemática enunciada que visa a estabilização psíquica do sujeito no laço social.

Palavras-chave: psicoses ordinárias, suplência perversa, fetichismo, psicopatologia, despatologização.

Introdução

As reconfigurações contemporâneas das apresentações sintomáticas, em tempos de desvanecimento do Outro, implicam em uma clínica para além da estrutura ou da tipologia, privilegiando as soluções singulares de localização do gozo no que tange à estabilização psíquica (Maleval, 2019). Como conseguinte, enquanto ferramenta organizadora do desenvolvimento pulsional, o *Complexo de Édipo*, especificamente, a metáfora paterna – quando considerada à pluralização dos *Nomes-do-Pai* na obra de Jacques Lacan, podemos evocar e questionar, por intermédio da escuta do sujeito em análise, outros arranjos de amarração estrutural – formas de suplências – para além da diagnóstica típica. Complementa-se ainda que as soluções elementares operam uma substituição a partir do elemento faltante com a função de localizar e de limitar o gozo – de tal modo que permita um arranjo ante ao encontro traumático e, ainda, que represente o enganche do sujeito no laço social.

A problemática, pois, tem sido reorientar a clínica psicanalítica a fim de que a escuta seja capaz de se haver com os casos de difícil construção diagnóstica e que, particularmente, apresentam-se na fronteira entre uma estrutura e outra, em suas formas típicas. Sob essa prerrogativa, constitui-se enquanto objeto de interesse particular, as intercessões clínicas entre a *psicose* e a *perversão* – cuja ênfase estará direcionada ao uso do fetiche enquanto suplência, ou ainda, como possibilidade de amarração do sujeito psicótico, em sua própria construção delirante. Isso posto, menciona-se que é sabido que os psicanalistas valorizam a escuta priorizando a narrativa do sujeito e o saber que ele elabora acerca das suas próprias demandas. Assim sendo, orientar-se pela hipótese de que haverá casos nas quais as construções do analisando irão dizer de meios para estabilização – que excedem a compreensão borromeana das estruturas – é reiterar o comprometimento ético do “fazer analítico” e, desse modo, justificar, indubitavelmente, a relevância das proposições aqui elencadas.

Ainda nessa linha de raciocínio, Jacques Lacan, ao realizar o percurso que opera uma passagem do *Nome-do-Pai* aos *Nomes-do-Pai*, revigora o fazer do analista diante das novas exigências que emergem da clínica – a medida que se observa outras reconfigurações do desejo e do gozo – uma clínica das suplências diante do *Real*. Em se tratando, portanto, destas novas reconfigurações, Maleval (2003) esclarece que tangente ao conceito de *suplência perversa* compreender-se-ia – sobretudo, a partir da referência à forclusão do significante que remete à Lei – enquanto uma compensação imaginária que impede a ruptura precoce na psicose (Lacan, 1955-1956/1985a). Sob

esse panorama, apresentar-se-ia na qualidade singular de enlaçar os três registros (Imaginário, Simbólico e Real). Essa renovação proposta por Lacan implica considerar os pontos de ruptura no enodamento da estrutura, bem como detectar os meios pelos quais essa falha será compensada – sugerindo uma clínica orientada pela evidência dos rateios do nó e das suplências correspondentes – conforme Maleval (2003). Logo, objetiva-se, neste escrito, perscrutar outros arranjos mediados pela suplência – um trabalho de tecitura, de solução, via um quarto nó – dos três registros – não apenas na clínica da psicose, mas concernente a todo ser falante – inclusive à clínica, outrora não possível, da perversão.

Neologismo – a psicose ordinária

Em conformidade com a conjectura supracitada, na obra intitulada *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1985b) propõe as operações de alienação e de separação – termos que equivalem à identificação e ao recalque, no entanto, nas psicoses, a segunda operação não é fixada e a extração do objeto “a” – causa de desejo – não se garante. Assim sendo, o psicótico, enquanto sujeito, resta – preso à alienação – condicionado, pois, ao gozo do Outro. Pondera-se, portanto, que ao não firmar a extração do objeto “a” como resto, a emergência do gozo retorna ao próprio corpo psicótico de forma dispersa. Essa emergência fora de limite – estando não-articulado e não-aparelhado pelo significante – representa o principal signo da estrutura psicótica. Sob essa óptica, *o simbólico* não se constitui enquanto *registro* e, por conseguinte, o sujeito foraclui o *Nome-do-pai* e, encontra destino para a angústia na construção de uma fantasia delirante – o delírio, propriamente dito.

No que concerne às psicoses ordinárias – Miller (1998/2012) cunhou o neologismo enquanto significante que pudesse orientar um projeto de investigação sobre os casos de difícil diagnóstico. Ora, assim sendo, Miller (1998) ratifica que as psicoses ordinárias contemplariam fenômenos nos quais haveria demandas de ordem simbólica cujo fim seria a possibilidade de organização dos sujeitos nos laços contemporâneos. Portanto, haveria outra lógica transferencial e, por conseguinte, desencadeamentos clínicos para além da estrutura psicótica já reconhecida no discurso. Uma vertente crucial, necessária ao debate de investigação sobre as psicoses ordinárias, em tempos contemporâneos, se assenta, pois, em signos discretos na dimensão do não

aparelhamento do gozo partindo da primazia lacaniana que remete ao campo do inconsciente enquanto linguagem.

Um ponto importante a respeito dos psicóticos ordinários são, eventualmente, as fixações específicas nos objetos pré-edípicos – oral e anal – que estão atrelados à experiência de defecar marcada por uma sensação de prazer extremo em que a percepção de ter se esvaziado completamente margeia, o gozar, do sujeito em certa medida. Ainda quanto ao gozo, Lacan apresenta duas modalidades distintas (Lacan, 1972-1973/1985c), sendo esse orientado pelo significante-mestre fálico (articulado e aparelhado) e o gozo mais-além do falo, o “gozo Outro” (ilimitado, sem regulação), de maneira complementar Maleval (2019) destaca que nas psicoses clássicas e, também nas *psicoses ordinárias*, tende-se ao *empuxo-ao-gozo* sem limites, diante do Outro. Nota-se, em concordância com os autores, que há uma emergência epistemológica, também imperativa, que se disponha a pensar outras espécies de arranjos ou tentativa de estabilização correlatas à suplência – particularmente, a suplência perversa cuja etiqueta diagnóstica atrela-se ao "suposto-saber-fazer-gozar" acerca de sua própria operacionalização estrutural amparada pelo fetiche.

Suplências perversas: o fetiche como amarração psicótica

Feitas essas colocações indispensáveis à clínica psicanalítica contemporânea, há alguns modos de arranjo que requerem maiores esclarecimentos, a saber o fetiche enquanto forma de organização dos sujeitos psicóticos, em outros termos, haveria de ser este um exemplo basal da já mencionada suplência perversa sob a qual tem-se alguns apontamentos relevantes. A começar, sob a égide da historiografia clínica é sabido que o campo das perversões, enquanto objeto de pesquisas e de elaborações teóricas, remonta o final do século XIX – EY, Henry et al. (1981) – e cuja finalidade tangenciaria, àquela época, a possibilidade de compreender a posição das perversões na práxis médica-psiquiátrica. Fundamentalmente, enveredaram-se os psiquiatras para a interpretação da posição perversa – assimilada enquanto aceitação de uma conduta degenerada – a fim de substanciar a leitura que dizia respeito às práticas sexuais consideradas a partir de um olhar psicopatológico.

É evidente que a leitura psicanalítica acerca da Perversão simbolizou uma ruptura com a comunidade científica que se alicerçava em uma perspectiva atrelada à ideia de perversidade – na qual os indivíduos eram categorizados e tratados como “doentes mentais crônicos” EY, Henry et al. (1981). As proposições de Freud

(1905/1996), em contrapartida, se propuseram a desvelar a distância entre a perversidade e a perversão sexual e, desse modo, o real entendimento acerca da categoria nosológica perversa iria se dissociar da narrativa psiquiátrica, e se enveredaria, portanto, para uma outra leitura embasada na ideia de disposição perversa polimorfa. Sigmund, retoma a problemática em questão – perversão – em um terceiro momento de elaboração, datado de 1927, a partir da publicação do artigo Fetichismo. Inicia suas observações reiterando que a escolha objetal era atravessada por uma escolha não típica. Estando, pois, o sujeito munido desse aparato estrutural, a fantasia emerge, analiticamente, enquanto uma representação do pênis (pênis da mulher). Dito isso, é possível supor que a fim de preservar o pênis materno da extinção, o sujeito o substitui para sustentar o desejo de não se haver com essa mãe castrada por intermédio de uma fantasia engendrada no fetiche.

Maleval (1995/2010) apresenta um caso clínico e afirma que é a falha no imaginário que conduz o sujeito, neste caso, o Sr. M, a pôr em ato o masoquismo – indicando a psicose de base no caso, e sustentando a tese de que o masoquismo perverso funcionava como suplência. Avança-se na proposição de Maleval, na medida em que uma espécie de arranjo ou tentativa de estabilização psicótica (...) funciona no sentido de evidenciar que, clinicamente, sujeitos psicóticos se valem de suplências de cunho perverso como um modo de amarração que os defendem contra a psicose evidente. Maleval (1995/2010). Um outro caso descrito por Yohan Trichet em seminário realizado no ano de 2022 na Universidade Paris 8¹ ilustra as colocações supracitadas e reitera as análises descritas neste artigo. O paciente, atormentado desde de a puberdade com uma certa imagem da mulher, centrada nos seios femininos, vivenciou fenômenos elementares, um automatismo mental que o ordenava na forma de uma voz alucinatória que ele deveria “matar uma mulher” (Tuer une femme!).

Desse tempo, uma fantasia perversa, de cunho masoquista, foi estruturada aos moldes de um fetiche transexual, cuja base se assentava no travestismo transitório (Tu es une femme!), momento em que o paciente se infringia com práticas dolorosas. O desmonte da construção fetichista, por certa ocasião específica, fez eclodir o retorno da sentença original, levando-o à passagem ao ato: ele mata aleatoriamente a

¹ Seminário ministrado em 26 de novembro de 2022 na Universidade Paris VIII intitulado "Atualidades da psicanálise" do Departamento de Psicanálise da referida instituição. As colocações referidas se tratam de notas tomadas pelo professor Douglas Nunes Abreu da Universidade Federal São João del-Rei e pelo integrante Arnaud Fillion presente na ocasião.

primeira mulher que vê ao sair de seu prédio transtornado, que apresentava características específicas dos seios.

Esses dois casos nos convidam à investigação acerca do uso da fantasia perversa como suplência de uma estrutura psicótica. Para tal, evidenciaremos melhor as características dessas duas estruturas clínicas, orientados pelo conceito de psicose ordinária e pela clínica das suplências presentes na clínica do Real para contribuições para esse importante debate apresentado pelo psicanalista Jean-Claude Maleval.

Conclusão

Menciona-se, ainda em tempo, que a pesquisa ainda está em andamento e espera-se que os resultados produzidos possam colaborar para a escuta clínica atravessada pelas urgências escutadas no *setting* a fim de minimizar o sofrimento psíquico para além dos arranjos clássicos possíveis. Portanto, a temática escolhida *Uma breve análise acerca da suplência perversa nas psicoses* embasada nos trabalhos iniciados por Jean-Claude Maleval acerca da possibilidade do uso do fetiche perverso como suplência/estabilização em quadros de difícil manejo na *Clínica das Psicoses*. Trabalhar-se-á com os conceitos de *Perversão* e de *Psicose* presentes na literatura freudolaciana somados ao conceito de *psicose ordinária* e pretende-se estimular o debate nos espaços de discussão sem pretender esgotar o tema em questão.

Agradecimentos

Eu, Raphaella Bambirra, agradeço ao Prof. Dr. Douglas Nunes Abreu pela oportunidade de trabalharmos essa temática em colaboração a fim de produzir resultados que orientem a ética profissional na clínica das urgências fruto da lógica do capital.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Gláucia Pires Calzavara por ter aceitado o convite há um ano atrás para que pudéssemos estudar a Clínica da Perversão o que trouxe a possibilidade de construir juntamente com o Prof. Dr. Douglas Nunes Abreu esse artigo.

Agradeço ao Prof. Dr. Roberto Pires Calazans Matos por ter apoiado a pesquisa em um momento em que eu me encontrava distante da Universidade Federal de São João del-Rei por razões de cunho pessoal e ele apostou em mim e na minha possibilidade de retorno. Isildinha Baptista Nogueira nomeia esse ato, investimento afetivo, ela diz.

E, por fim, agradeço à Profa. Dra. Magali Milene Silva pelos vários empréstimos de livros e esclarecimentos práticos de questões que me ocorriam aqui e acolá sobre impasses pessoais na construção da minha identidade enquanto estudante de psicanálise.

Meus mais sinceros agradecimentos!

Referências

- Ey, H., Bernard, P., & Brisset, C. (1981) *Manual de Psiquiatria*. Masson do Brasil. p. 382-384.
- Freud, S. (1996). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-229). Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Fetichismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 149-160). Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Lacan, J. (1985a). O seminário, livro 3: as psicoses. Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1985b). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1985c). O seminário, livro 20: mais ainda. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Maleval, J.-C. (2003). Elementos para uma apreensão clínica da psicose ordinária. Clínica & Cultura.
- Maleval, J.-C. (2010). Suplencia perversa en un sujeto psicótico. La actualidad del sintoma. Montivideo: Psicolibros Waslala (Trabalho original publicado em 1995).
- Maleval, J.-C. (2019). Repères pour la psychose ordinaire. Navarin Éditeur.
- Miller, J.-A. (1998). Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: A Conversação de Arcachon. Biblioteca Freudiana Brasileira. (Trabalho original publicado em 1997).
- Miller, J.-A. (2012). A psicose ordinária: a Convenção de Antibes. Scriptum. (Trabalho original publicado em 1998).

Trichet, Y. (2011). L'entrée dans la psychose, Approches psychopathologiques, cliniques et (auto) traitements., Presses universitaires de Rennes.